

ENTRE HAMBURGO E RECIFE: UMA SAUDADE E UM BLUES

Valdevino Soares de OLIVEIRA¹

AZEVEDO, Carlos Alberto. *Hamburgo Blues*. Belo Horizonte. Maza Edições, 1994.

Editado em 1994 e lançado na Feira Internacional do Livro em Frankfurt, esta obra de Carlos Alberto Azevedo fala de Hamburgo, cidade alemã. É um texto em estado de blues, musical e melancólico. Há um ritmo que organiza a obra. O leitor é levado a se envolver na pauta da cidade como se ela fosse uma grande partitura, não sinfônica, mas ligeira e provocadora de atmosferas, de reminiscências. A cidade se deixa desnudar pela intervenção provocadora do escritor e revela suas muitas faces: é urbana, cosmopolita, agitada; mas é também, domingueira, acolhedora e pacata. E sempre de muita chuva. Poeticamente, a cidade vai surgindo diante dos olhos do leitor com suas ruas, praças, monumentos, com suas peculiaridades, com sua história.

Hamburgo Blues nos dá a visão européia de um homem brasileiro. Promove um passeio por paisagens humanas e físicas de Hamburgo, numa linguagem solta, coloquial e sobretudo poética. Mais sugestão do que descrição. Pontuada. Mosaicada. Telegráfica.. Em movimento de blues, alternando tempos e espaços. De repente uma dissonância faz transparecer no tecido da narrativa (uma narrativa que não se quer como tal, porque aspira o tempo todo a ser poesia), os traços da mais viva poeticidade que vaza dos limites do gênero e se improvisa em arranjos novos, modulando vozes, buscando nuances, variando temas no grande tema da cidade:

¹Faculdade de Ciências e Letras — UNESP/Assis.

*Marinheiros com roupas cor de anil,
entrando e saindo dos
navios-dentro-da-cidade.*

*O porto de Hamburgo:
uma porta escancarada para
o
uni/
verso.*

A cidade é Hamburgo, na Alemanha, mas é também Recife e todas as cidades de rios e pontes, de cais e porto, de atracação e liberdade, “ambas são cidades portuárias, abertas para o mundo, tolerantes, sem muros e sem fronteiras”. “Hamburgo é o outro lado da moeda. Recife é cara. Hamburgo é coroa.”

Espaço de sonho e realidade, a cidade se desenha poeticamente na linguagem de Carlos Alberto Azevedo. Numa linguagem que é dele, mas que tangencia a do Oswald de Andrade de *Memórias Sentimentais de João Miramar* e a do Alcântara Machado de *Pathé Baby*:

*Casas brancas e de todas as cores.
Vivas vilas verdes.
Gaivotas.
Um farol cor de bombons de framboesa.
Navios gordos e magros, pequenos e grandes
navegam pelo leito de mãe Elba.
Escadas. Escadas. Escadarias: Beckers Treppe,
Flashoffs Treppe.
Sobre as escadarias de Blankenese se esconde
o céu, entre nuvens & gaivotas.*

Faz lembrar, mas vai adiante, com estilo próprio, se desprende deles porque sua poética tem autonomia e se configura na linha porosa de memória e representação. O autor nos dá Hamburgo, mas do fundo desse cenário, a cidade que surge é Recife, irmã gêmea nunca esquecida e sempre buscada.

*No coração de Hamburgo sinto
[saudades do Recife.
Solidão? Talvez sim, talvez não.
O que é a saudade? Não será a lembrança
[momentânea de vivências
antigas, de recordações risonhas?*

*Paseando à tarde, à margem do Alster,
[senti saudades do meu
Capibaribe. E me lembrei imediatamente
[do Discurso do
Capibaribe, de João Cabral de Melo Neto.*

O texto de Azevedo tem a marca do novo e o tom da saudade. Evoca paisagens distantes e se faz o canto de exílio do homem tropical, que carrega imagens remotas. Romantismo tardio? Banzo. Blues.